



2018

**MATERIAL INSTRUCIONAL PARA O PROFESSOR DE 1º E 2º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DAS CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA E AS HIPÓTESES DA ESCRITA**

Paula Faustino Neto
CEUBAN - Santos

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

PAULA FAUSTINO NETO

ORIENTADORA: PROF^a DRA. ELISETE GOMES NATÁRIO

**MATERIAL INSTRUCIONAL PARA O PROFESSOR DE 1º E 2º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DAS CONCEPÇÕES DE
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E AS HIPÓTESES DA ESCRITA**

1ª Edição

**SANTOS
CEUBAN
2018**

SUMÁRIO

9.1 INTRODUÇÃO	88
9.2 OBJETIVOS	91
9.2.1 Objetivo geral	91
9.2.2 Objetivos específicos	91
9.3 Produto desenvolvido	92
REFERÊNCIAS	110

9.1- INTRODUÇÃO

Este material é destinado a professores que atuam em classes de alfabetização com a proposta de atividades lúdicas e práticas para alfabetização a partir da relação entre a Teoria da Aprendizagem Significativa de David P. Ausubel e a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosk e a Base Nacional Comum Curricular.

A aquisição da língua escrita ocorre de maneira constante e dinâmica. Os primeiros contatos com a escrita ocorrem antes do ingresso do aluno na escola, uma vez que a criança já tem contato com diversos materiais escritos, não só impressos (livro, revista, jornal), mas também com o que se encontra na sociedade como placas, letreiros, entre outros. Na escola, ocorre a aprendizagem formal, com trocas de experiências entre alunos/alunos e alunos/professor. O professor que planeja de forma intencional para atingir determinado objetivo atendendo toda especificidade do educando, efetiva a aprendizagem.

A teoria da Psicogênese da Língua escrita de Ferreiro e Teberosk (1985) trouxeram importantes contribuições acerca de como a criança constrói a escrita. Seus estudos mostram que a escrita realizada pela criança “é fruto da aplicação de esquemas de assimilação ao objeto de aprendizagem (a escrita), formas utilizadas pelo sujeito para interpretar e compreender o objeto” (AZENHA, 1994, p.37). Desta forma o aluno passa a ser sujeito ativo em seu desenvolvimento, pois, ao invés de assimilar o conteúdo passivamente, ele é estimulado a refletir e reconstruir o conhecimento existente, avançando em suas hipóteses.

O processo de alfabetização, numa perspectiva construtivista, o indivíduo vivencia um processo de construção pessoal, o aluno, com base em suas concepções sobre a escrita, registra segundo suas hipóteses. O professor ao analisar suas produções espontâneas observa que há um processo crescente, sua intervenção pedagógica pode favorecer o avanço para o próximo nível.

Nas escritas realizadas pelas crianças, encontramos diferentes e crescentes níveis. A sondagem é um instrumento de verificação para que o professor possa avaliar em que nível de escrita se encontra a criança. A partir deste diagnóstico é proposto ao aluno atividades que o auxiliará a seguir avançando em suas hipóteses de escrita, tendo o professor como mediador neste processo. Necessariamente o professor deve partir dos conhecimentos prévios dos alunos, não apenas com

relação à leitura e a escrita, mas também é importante a valorização dos interesses, contexto histórico e cultural dos alunos durante o planejamento das atividades. Cada pessoa é única, que carrega uma história, uma bagagem cultural, que quando considerado pode enriquecer significativamente a prática pedagógica. Estes são alguns dos pressupostos da Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel (1976; 2000).

A aprendizagem significativa ocorre quando uma nova informação interage com o conhecimento prévio do aprendiz (subsunçor) e este conhecimento prévio é ampliado ou modificado após este processo.

O processo de Aprendizagem Significativa considera como ponto de partida os conhecimentos prévios que o aprendiz possui, apresenta-lhe um material com um potencial significativo de forma não-arbitrária e não literal, ou seja, o material deve ser plausível, sensível e não aleatório, um material potencialmente significativo que se ancore nos conhecimentos prévios, conforme Ausubel (2000); Moreira (1997).

Ausubel (2000) utiliza o termo *subsunçor* para referir-se aos conhecimentos prévios, estes são modificados e ampliados quando interagem com novos conhecimentos. Neste ponto, a criança letrada possui determinadas ideias sobre a leitura e a escrita, ainda que de forma não convencional pode fazer uso dela ao ler imagens de um livro ou realizar escritas espontâneas. No contexto escolar, à medida que se tem mais interação entre novos conhecimentos e o subsunçor, mais fortalecido ele fica, facilitando novas aprendizagens referentes à leitura e à escrita.

O professor, ao considerar a história que a criança traz para a sala de aula, partindo dos conhecimentos prévios que ela possui, ao propor uma atividade, impulsiona o interesse e a participação do aluno, uma vez que esta tem um significado lógico para ele, assim o conteúdo não será arbitrário. Desta forma, possivelmente, o aluno apresentará uma melhor predisposição em aprender. Sendo este mais um dos pressupostos da teoria da Aprendizagem significativa. Ter predisposição em aprender é querer relacionar o novo conteúdo aos conhecimentos prévios. Assim utilizar o jogo e a brincadeira pode ser uma estratégia motivadora para despertar o interesse da criança. O professor pode ainda utilizá-lo como organizadores prévios como forma de estabelecer relações entre o novo conhecimento e os subsunçores.

Com relação às estratégias utilizadas pelo professor em sala de aula, Moreira (2012) utiliza o termo organizadores prévios. Esta é uma ferramenta utilizada pelo

professor quando o aluno não possui subsunçores ou que estes não estejam adequados para haver ligação entre o novo conhecimento e o conhecimento existente. O professor poderá utilizar “um enunciado, uma pergunta, uma situação-problema, uma demonstração, um filme, uma leitura introdutória, uma simulação” (MOREIRA, 2012, p.11). É uma estratégia necessária para que o aluno perceba que o novo conhecimento está relacionado aos seus conhecimentos prévios.

Neste sentido, observa-se que tanto nas pesquisas desenvolvidas por Ferreiro e Teberosky (1985), Ferreiro (1996; 2011 e 2013) quanto na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1976; 2000), o conhecimento prévio do aluno é fundamental para promover a aprendizagem. Se para Ferreiro e Teberosky (1985) conhecer a teoria é primordial para que a partir das produções (conhecimentos prévios) da criança o professor possa propor novos desafios que impulsionarão o avanço de suas hipóteses, para Ausubel (2000) o conhecimento prévio do aluno, se for modificado, transformado, ampliado, e a predisposição do aluno em aprender, levam a efetiva aprendizagem significativa.

Portanto, há uma relação entre ambos os estudos, Construtivista e a Aprendizagem Significativa, pois, para que o aluno possa avançar em suas hipóteses, o professor deve considerar o conhecimento do aluno referente à escrita, a partir disso, propor atividades que farão com que avance para o próximo nível de escrita.

Este é um importante material instrucional para o professor, pois de acordo com os resultados desta pesquisa, além da sondagem, partir dos conhecimentos prévios do aluno não foi citado como uma prática comum, nenhuma das entrevistadas comentou sobre os conhecimentos prévios dos alunos como condição para que a aprendizagem seja significativa, o que pode implicar uma fragmentação nos conteúdos apresentados por não estabelecer esta relação entre o que há de conhecimento prévio e o novo conhecimento.

9.2- OBJETIVOS

9.2.1 Objetivo Geral

Elaborar e disponibilizar material instrucional online de atividades lúdicas para alfabetização de crianças a partir dos referenciais de Ferreiro e Ausubel.

9.2.2 Objetivos Específicos

Oportunizar aos educadores embasamento teórico e prático em relação ao letramento e aprendizagem significativa para o trabalho em sala de aula do 1º e 2º anos do ensino fundamental;

Auxiliar professores em seu trabalho pedagógico com alunos que estão em processo de alfabetização, com propostas de atividades para cada hipótese da escrita;

9.3- PRODUTO DESENVOLVIDO

*“Procuramos compreender o desenvolvimento da leitura e escrita, do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente construído e não do ponto de vista da aquisição de uma técnica de transcrição”
(FERREIRO, 1996)*

Em 2017 foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Trata-se de um documento construído sob coordenação do MEC e com a participação dos Estados do Distrito Federal e dos Municípios, depois de ampla consulta à comunidade educacional e à sociedade. Sua finalidade é de estabelecer “o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito”, promovendo a “redução das desigualdades das aprendizagens no Brasil e a promoção da equidade e da qualidade das aprendizagens dos estudantes brasileiros” conforme descrito no documento (BNCC, 2017, p.5).

O compromisso do MEC em parceria com os órgãos educacionais é de que seja uma Educação Integral, ou seja, uma formação e desenvolvimento humano global com uma educação voltada ao seu “acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades” (BNCC, 2017, p.11).

A BNCC traz como norma que as competências e diretrizes são comuns e que os currículos são diversos. Cada região, estado ou município elabora o seu currículo e propostas pedagógicas considerando “as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais” (BNCC, 2017, p.15).

De acordo com o documento da BNCC, o currículo deve considerar e valorizar a diversidade cultural, por meio de uma educação integral, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito, sendo este um compromisso para a redução das desigualdades educacionais e a garantia da qualidade das aprendizagens a todos os estudantes.

Considerando a diversidade cultural presente no país com suas tradições, usos e costumes da língua, o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita pode ser enriquecido, agregando a este processo uma significatividade lógica e psicológica ao aproximar-se de sua realidade e interesse.

As pesquisas de Ferreiro (1996, 2011, 2013) conduziram as reflexões e discussões sobre o processo de alfabetização que não apresentavam um novo método, mas o modo de como se dá a compreensão e aquisição da língua escrita.

A abordagem construtivista oportuniza a criança, ser um sujeito ativo no processo de alfabetização, pois considera suas hipóteses de escrita e reconhece nela “graus crescentes de complexidade e aproximação da escrita convencional” (AZENHA, 1994, p.37). Com relação às ideias que as crianças possuem referente à escrita, segundo a teoria da aprendizagem significativa, conhecê-las é um pré-requisito, ou seja, segundo Ausubel (2000), deve partir dos conhecimentos prévios do aluno e a partir disso, modificá-lo ou ampliá-lo.

O processo de alfabetização é acompanhado de uma série de hipóteses que precedem a escrita convencional, apresenta-se agora a mais recente tradução das publicações de Emília Ferreiro (2013) que traz as nomenclaturas dadas a cada fase: Nível pré-silábico (PRE-SIL), Nível silábico inicial (SIL-1), Nível silábico estrito sem uso de letras pertinentes (SIL-2), Nível silábico estrito com uso de letras pertinentes (SIL-3), Nível silábico-alfabético (SIL-ALF), Nível alfabético (ALF).

Nas escritas realizadas pelas crianças, encontramos diferentes e crescentes níveis. Ao rabiscar utilizando lápis e papel, a criança estará explorando de modo ativo o objeto de conhecimento: a escrita. O mesmo ocorre na escrita de uma palavra ainda não aprendida, momento em que a criança utiliza de estratégias para o registro (AZENHA, 1994).

Antes de apresentar cada nível, é importante esclarecer como se avalia a hipótese de escrita do aluno.

Conhecer quais são esses processos de compreensão infantil dota o alfabetizador de um valioso instrumento para identificar momentos propícios de intervenção nesses processos e da previsão de quais são os conteúdos necessários para promover avanços no conhecimento. Infere-se dessas considerações que o principal componente para ajudar a promover a aprendizagem da escrita é a capacidade observação e interpretação das condutas das crianças. É esse o conteúdo que iluminará a reflexão do professor para conceber boas situações de aprendizagem (AZENHA, 1994, p. 90).

É fundamental que o professor conheça quais são as hipóteses de escrita pelas quais passa o aluno até a escrita convencional.

Como realizar uma sondagem

Conhecer as hipóteses que os alunos têm sobre o sistema de escrita é fundamental para que o professor possa planejar ações que promovam o desenvolvimento da língua escrita. As produções realizadas pelas crianças fornecem ao professor um importante recurso para propor atividades específicas para favorecer o avanço e a aproximação de uma escrita convencional.

Por meio da sondagem, ao escrever uma lista de palavras, o professor poderá avaliar o nível de escrita do aluno. No entanto, há alguns critérios a serem considerados durante a execução da sondagem.

- Propor a sondagem dentro de um contexto significativo, ou seja, pode-se solicitar a escrita de uma lista de brincadeiras como proposta à direção da escola para um recreio mais divertido.
- A sondagem deve ocorrer, preferencialmente, de modo individual para que o professor possa registrar o que observou durante a escrita e leitura do aluno, os demais alunos devem estar 'ocupados' em tarefas que não necessite de sua atenção naquele momento.
- O registro deve ser realizado em uma folha sem pauta, neste momento, observar o sentido da escrita realizado pelo aluno – da esquerda para a direita, de cima para baixo e o alinhamento da escrita.
- As palavras da sondagem devem apresentar o mesmo campo semântico, ou seja, devem fazer parte de um mesmo contexto, isso facilita a organização do pensamento aluno no momento da escrita.
- As palavras devem fazer parte do vocabulário da criança, mas não devem ser palavras já memorizadas.
- A palavra ditada deve ser dita naturalmente, sem silabar.
- Não exercer nenhuma influência durante a escrita da criança. Dependendo da hipótese em que ela esteja, pode ser que ela te faça algumas perguntas

enquanto escreve ou no momento da leitura, neste momento retorne para a criança a mesma pergunta e permita que ela mantenha ou altere o registro de acordo com o que concluiu.

- A lista deve conter quatro palavras, uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba. Este é um critério a ser considerado, pois algumas crianças podem estar com a ideia da *quantidade mínima de caracteres* (entende que para que seja possível ler, há um número mínimo de três letras) – iniciar a sondagem por uma palavra monossílaba, pode gerar um conflito desnecessário.
- Ao escolher as palavras da sondagem, deve estar atento a vogais repetidas, pois esse é mais um dos critérios – *variedade interna de caracteres* – estas são hipóteses formuladas pela criança com base em seu próprio raciocínio que estão em constante evolução.
- A sondagem deve incluir a escrita de uma frase, nela deve conter uma das palavras já escritas. Deve-se observar se a escrita da palavra permaneceu estável ou semelhante ao que foi escrito anteriormente. Na hipótese silábico – alfabético e alfabética pode-se observar também a hipersegmentação (quando as palavras da frase escrita estão separadas de modo excessivo) e a hipossegmentação (quando as palavras da frase estão escritas juntas, sem separação).
- Após a escrita de cada palavra, solicitar ao aluno que a leia pontuando a palavra enquanto a lê, neste momento, observar:
 1. Se a leitura da palavra ocorreu de forma global – quando o aluno passa o dedo de forma corrida sobre a palavra;
 2. Se a leitura da palavra ocorreu de forma silabada enquanto apontava uma letra ou grupo de letras para cada sílaba;

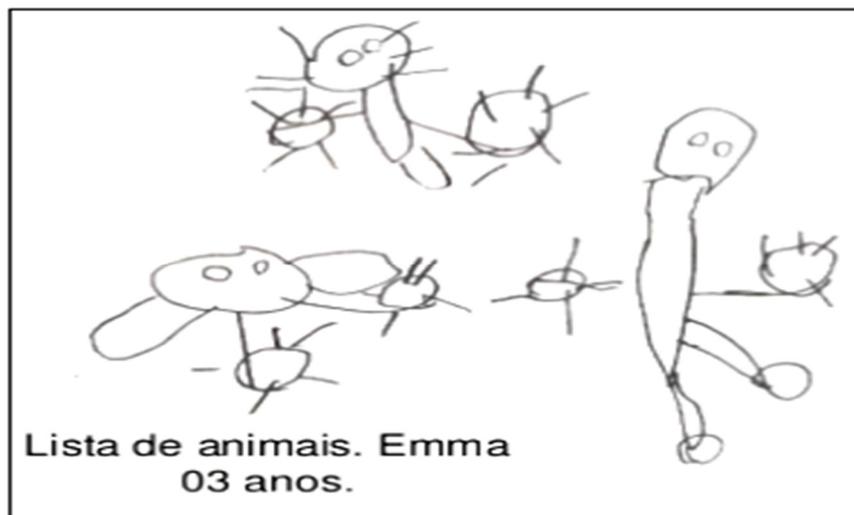
Realizar uma nova sondagem a cada mês para avaliar se houve o avanço da hipótese de escrita.

Nível pré-silábico (PRE-SIL)

Nesta hipótese de escrita, ao escrever, a criança não estabelece correspondências entre letras e sons, sua leitura é apontada de forma contínua e sem recortes orais. Seu registro pode ocorrer de diferentes maneiras, mas há de se deixar claro que, para cada registro existe um intenso trabalho cognitivo que aos poucos vai se aproximando da escrita convencional. Ao analisar a “conduta espontânea do registro gráfico” (AZENHA, 1994, p.43), o professor poderá avaliar quais as primeiras ideias que a criança tem em relação à escrita.

A Figura 1 é um exemplo de um registro *icônico*, em que a criança reproduz a forma do objeto.

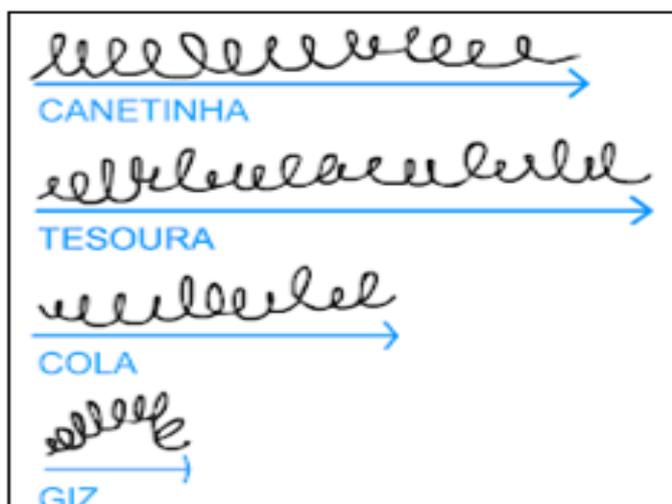
Figura 1- Registro Icônico – reprodução da forma do objeto



Fonte: <https://pt.slideshare.net/EdeilReisEspiritoSanto/nveis-de-escrita-1pnaic>

A Figura 2 é um exemplo de uma escrita espontânea. Nota-se uma representação de como a criança percebe a escrita e ‘ensaia’ um registro tal como percebe a escrita de pessoas alfabetizadas. Trata-se de um registro icônico formado por grafias não convencionais.

Figura 2 - Registro Icônico - Escrita Espontânea de grafias não convencionais



Fonte: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita>

As Figuras 1, 2 e 4 e 10 são imagens de acervo de domínio público retirado da internet.

As próximas imagens apresentadas, com exceção das Figuras 4 e 10, (imagens retiradas da internet) e 7 e 9 (imagens de acervo da pesquisadora) são de alunos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública - a mesma escola que ocorreu a entrevista para coleta de dados.

As palavras da sondagem foram:

ESCORREGADOR

BOLICHE

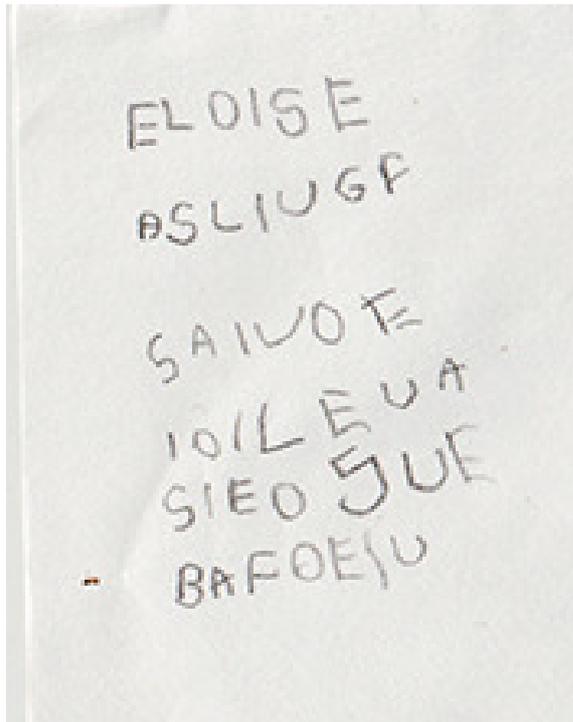
CORDA

PÁ

EU GOSTO DE PULAR CORDA.

A Figura 3 é um exemplo de uma sondagem realizada por um aluno matriculado no 1º ano. Neste momento, a criança deixa de produzir por meio de garatujas e passa a utilizar símbolos – letras e números. Segundo Azenha (1994), neste primeiro momento o aluno não diferencia as letras dos números.

Figura 3 - Escrita de uma criança 6 anos 4 meses



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A Figura 4 representa uma escrita em que a criança associa o tamanho da palavra ao tamanho do objeto e a quantidade de um mesmo objeto influencia a escrita. Para essa hipótese de escrita, Ferreiro denomina como *Realismo Nominal*, conforme Moraes (2012). Imagem de acervo de domínio público retirado da internet.

Figura 4 - Realismo Nominal – Associação do tamanho da palavra ao objeto

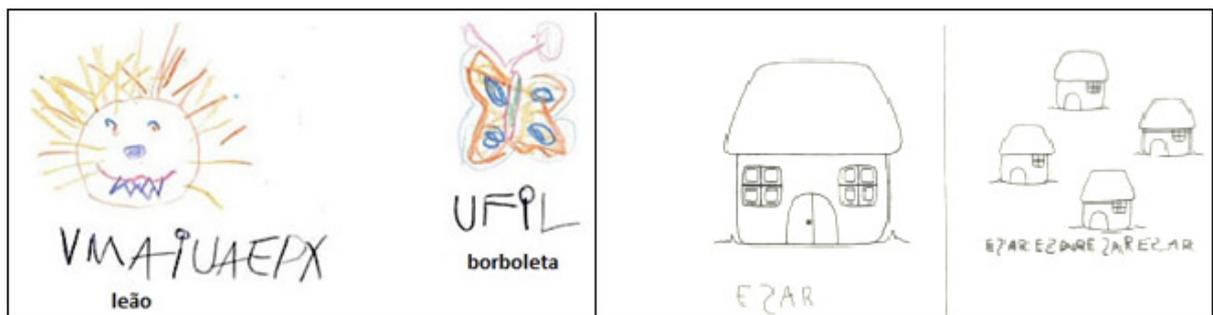


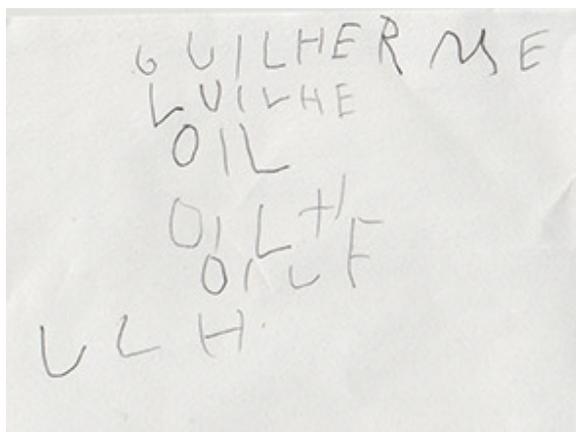
Imagem editada pela pesquisadora

Fonte: <http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2013/12/hipoteses-pre-silabica.html>

Fonte: <https://pt.slideshare.net/EdeilReisEspiritoSanto/nveis-de-escrita-1pnaic>

A Figura 5 é um exemplo de uma sondagem realizada por um aluno matriculado no 1º ano. Neste momento, as crianças podem fazer uso de letras mais comuns ela, como as do próprio nome. Nesta sondagem também é possível verificar que o aluno considera que, para que seja possível ler, é necessário um número mínimo de três letras – *hipótese mínima de caracteres*.

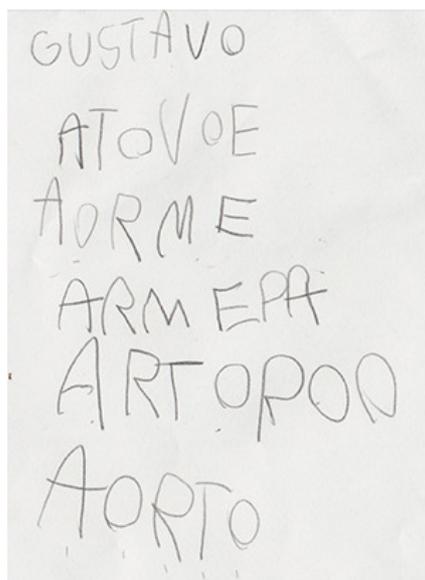
Figura 5 - Escrita de uma criança 6 anos e 1 mês – Utilização das letras do próprio nome



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A Figura 6 é um exemplo de uma sondagem realizada por um aluno matriculado no 2º ano que se encontra na *hipótese da variedade de caracteres*, ou seja, para que a escrita seja legítima é importante que haja a variação de letras.

Figura 6 - Escrita de uma criança 7 anos e 7 meses – Variedade de caracteres dentro da palavra e entre uma palavra e outra



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

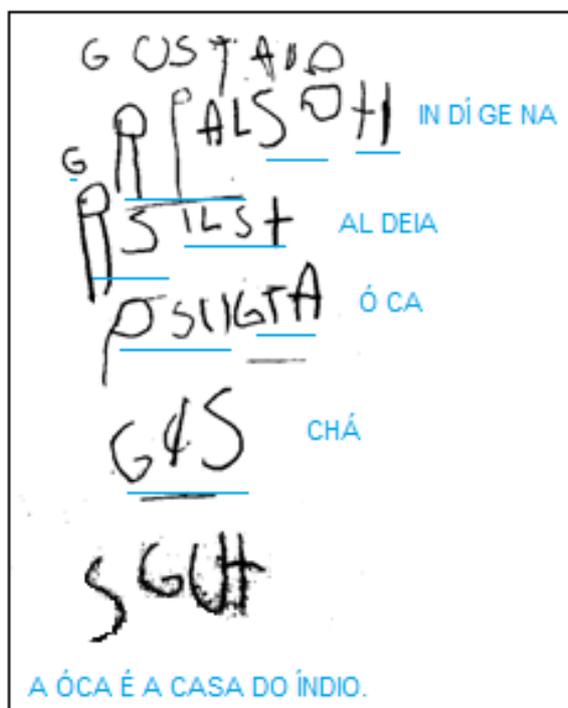
Na hipótese pré-silábica o professor poderá observar o sentido da escrita – da esquerda para a direita e de cima para baixo – considerando ainda os aspectos

construtivos, ou seja, avaliar o que a criança quis “representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações” (FERREIRO, 2011, p.21).

Nível silábico inicial (SIL-1)

Nesta hipótese, a criança começa a realizar correspondência entre as letras e as sílabas, escreve uma sequência de letras e ao ler, aponta uma ou um grupo de letras para cada sílaba. Este é um importante avanço na hipótese de escrita do aluno, momento em que o aluno passa a “resolver problemas tanto de correspondência quantitativa como problemas de correspondência qualitativa” (FERREIRO, 1996, p. 17). Conforme as marcações feitas em azul na sondagem, pode-se verificar que o aluno começa a ter consciência da pauta sonora. A Figura 7 é exemplo de uma escrita característica desta hipótese, imagem de acervo da pesquisadora.

Figura 7 - Nível silábico inicial – Correspondência entre conjunto de letras e sílabas

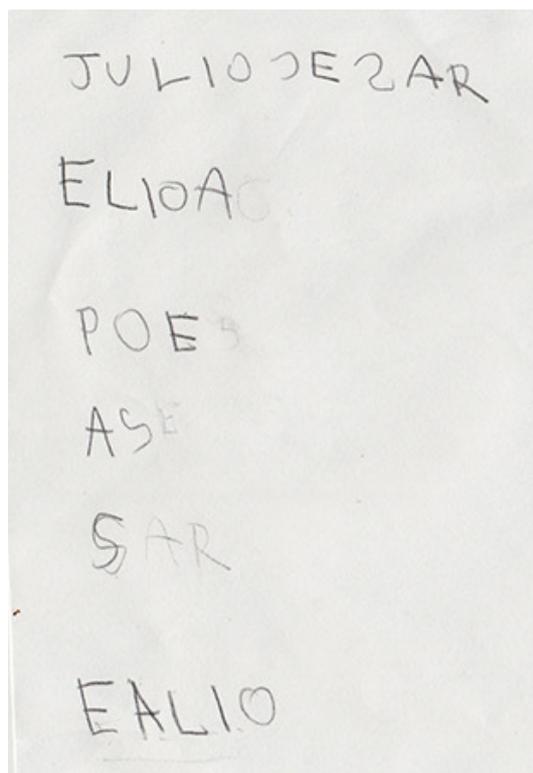


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nível silábico estrito sem uso de letras pertinentes (SIL-2)

Ao escrever a criança utiliza uma única letra para representar a sílaba, nesta hipótese a criança utiliza qualquer letra para representá-la, em sua leitura aponta uma letra para cada sílaba. A figura 8 é exemplo de uma escrita característica desta hipótese realizada por um aluno matriculado 2º ano.

Figura 8 - Escrita de uma criança de 7 anos - Nível silábico estrito sem uso de letras pertinentes – utilização de uma letra para representar cada sílaba

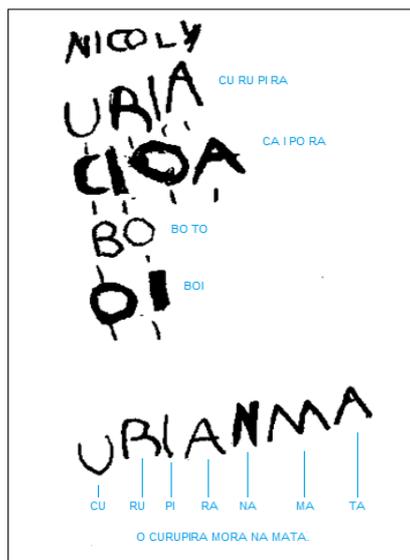


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nível silábico estrito com uso de letras pertinentes (SIL-3)

Nesta hipótese de escrita além da criança utilizar apenas uma letra para cada sílaba, esta é apropriada, ou seja, escreve vogal ou consoante pertinente à palavra, sua leitura aponta uma letra para cada sílaba. A Figura 9 é exemplo de uma escrita característica desta hipótese, imagem de acervo da pesquisadora.

Figura 9 - Nível silábico estrito com uso de letras pertinentes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nível silábico-alfabético (SIL-ALF)

Nesta hipótese de escrita as crianças utilizam uma ou mais letras para representar a sílaba, em sua leitura aponta com recortes orais. A Figura 10 é exemplo de uma escrita característica desta hipótese. Imagem de acervo de domínio público retirado da internet.

Figura 10 - Nível silábico-alfabético – Utilização de uma ou mais letras para cada sílaba

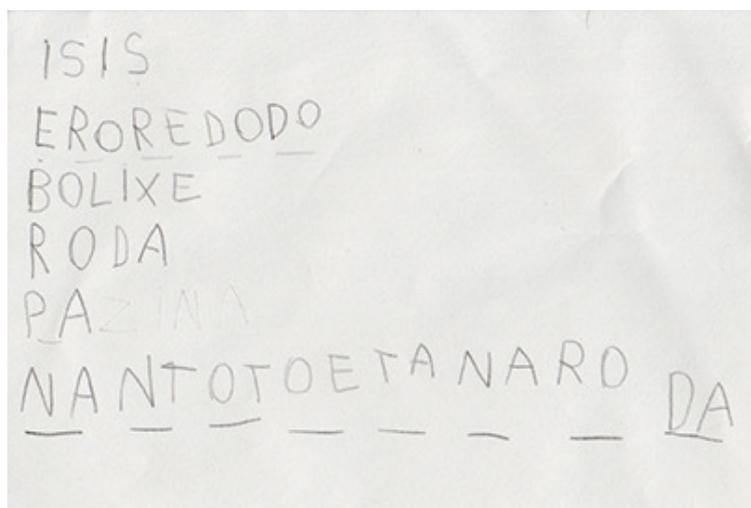


Fonte: <http://vivianefebf.blogspot.com.br/2012/07/fases-da-escrita-silabico-alfabetico.html>

Nível alfabético (ALF)

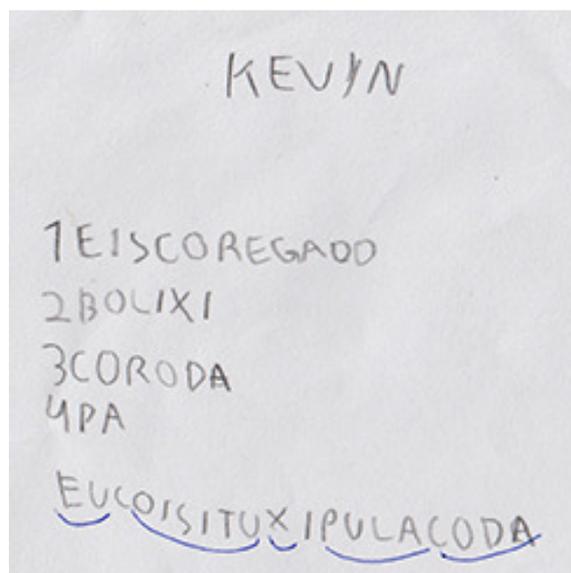
As crianças nesta hipótese de escrita escrevem estabelecendo correspondência entre fonemas e letras, mesmo que a ortografia não seja convencional, ela encontra-se no nível alfabético. A Figura 11, 12 e 13 são exemplos apresentados em constante grau evolutivo de uma escrita característica desta hipótese realizada por alunos matriculados no 2º, 3º e 2º ano respectivamente.

Figura 11 - Escrita de uma criança 6 anos e 9 meses - Nível alfabético



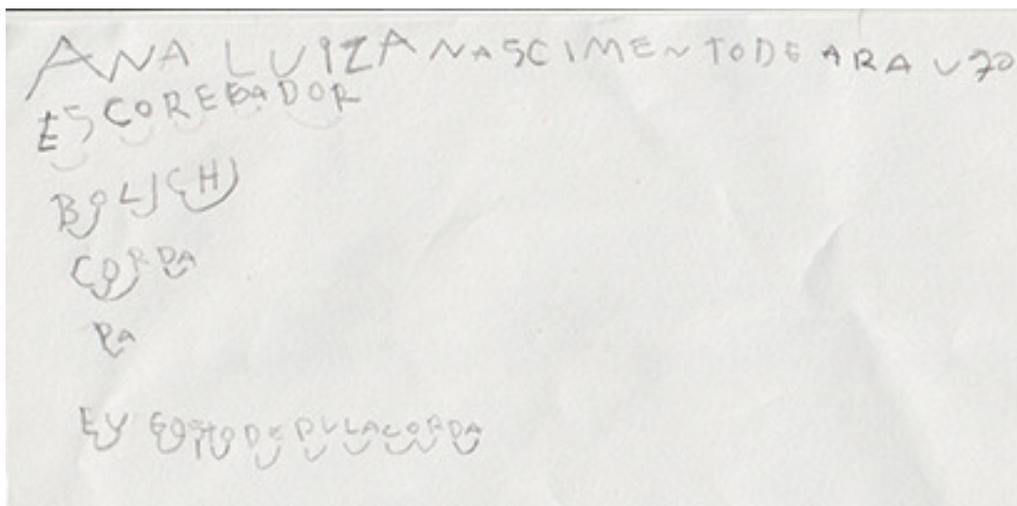
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 12 - Escrita de uma criança 8 anos e 3 meses - Nível alfabético



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 13 - Escrita de uma criança 7 anos e 4 meses - Nível alfabético



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Sugestões de atividades lúdicas para cada hipótese da escrita

Este material será organizado de modo a oferecer ao professor sugestões de atividades práticas e lúdicas para que a criança possa superar seu conflito cognitivo e permitir que avance adquirindo novos conhecimentos. A cada hipótese de escrita a criança apresentará um 'erro construtivo', agregado de sentido, em busca de entender o objeto de conhecimento: o sistema de escrita.

Organizar a sala de aula de modo a proporcionar um 'ambiente alfabetizador', é um importante recurso em classes de alfabetização. Para todas as hipóteses de escrita algumas ações são comuns e auxiliam o aluno na construção do conhecimento.

A sala de aula pode ser preparada para oferecer ao aluno possibilidades de pesquisa e reflexão no momento da escrita. Deixar disponível aos alunos em local acessível:

- Alfabeto
- Quadro numérico
- Calendário
- Listas do nome dos alunos
- Quadro de rotina
- Paineis dos aniversariantes

Estas são apenas algumas das possibilidades que oferecem um contato significativo com o material escrito. Ao fazer uso destes recursos a criança poderá tê-los como apoio. O professor ao utilizar esses recursos diariamente, facilitará o entendimento do uso das letras e números, além das palavras estáveis disponíveis nas listas e rotina.

A leitura diária de diversos gêneros textuais coloca o aluno em contato com a leitura, ampliando o repertório do aluno, além do desenvolvimento do estímulo à leitura.

Textos coletivos tendo o professor como escriba.

Propor situações de escrita, como bilhete, convite, receita, etc, auxiliam o aluno a atribuir sentido à escrita.

Escritas espontâneas – oportuniza o registro de como o aluno compreende do sistema de escrita.

Disponibilizar materiais escritos como jornais, revistas, livros, entre outros, para que estejam em contato direto com a escrita.

Antes de qualquer atividade, o professor deve antes considerar os conhecimentos prévios do aluno referente ao assunto e a partir disso propor uma atividade que será substancial, ou seja, agregada de significatividade lógica e psicológica ao se relacionar ao que o aluno já sabe, que resultará na ampliação ou transformação do conhecimento anterior.

Sugestões de atividades para o Nível pré-silábico (PRE-SIL)

Desenhar e escrever o que desenhou – auxilia o aluno a compreender que desenhar não é o mesmo que escrever.

Trabalhar o nome próprio em situações significativas, fazendo uso da lista de chamada, crachá, letras móveis, destacar a letra inicial/ final e o número de letras, identificar as letras do nome em outras palavras. Reconhecer e ler o nome em diferentes contextos – ao trabalhar com o nome do aluno, o professor estimula fortemente sua identidade e autonomia, além de desenvolver a percepção de que usamos letras diferentes em diferentes posições. O nome passa a ser a primeira palavra estável para o aluno, a partir dele, poderá fazer relações com outras palavras.

Atividades para distinção entre letras, números e outros símbolos. É importante que ocorra em situações significativas. O uso do calendário é uma possibilidade para que o aluno compreenda que a passagem do tempo é contada e que para isso utilizamos os números. Uma outra situação que agrega significatividade são os números que utilizamos no dia a dia, como: número do sapato, roupa, altura, idade, dia do aniversário e tantas outras situações como: número da casa, placas dos carros, preço das mercadorias no supermercado.

Reconto de histórias tendo o professor como escriba – auxilia o aluno a relacionar a fala com a escrita.

Produção de listas – nesta atividade o aluno poderá verificar que existem palavras que necessitam de muitas letras e outras que não.

Textos de memória – o aluno ajusta o oral ao escrito: leitura de ajuste.

Atividades envolvendo rimas – este tipo de texto auxilia no desenvolvimento da consciência fonológica, identificar e comparar grafias em palavras que rimam.

Pareamento: letra com letra, letra inicial com nome próprio, nomes iguais.

Sugestões de jogos

Apresentação das letras do alfabeto – de forma lúdica, por meio de jogos como bingo de letras e alfabeto móvel.

Bingo de nomes – é uma estratégia que facilitará a aprendizagem e reconhecimento do nome dos colegas da sala ou, por exemplo, dos personagens da história lida.

Quebra-cabeça de gravuras, nomes e letras.

Dominó – este jogo permite diversas variações, podendo ser trabalhado para associar, por exemplo, a letra inicial com variadas imagens, auxiliando na identificação da inicial das palavras.

Nível silábico inicial (SIL-1)

Todas as atividades e jogos do nível anterior.

Para esta hipótese de escrita o professor deve priorizar atividades que evidencie a pauta sonora, fazendo que compreendam que as palavras são compostas por unidades sonoras. Atividades que faça com que o aluno reflita diante de determinada palavra, como por exemplo: quantidade de letras e sílabas e a percepção de palavras que possuem o mesmo som ainda que em diferentes posições.

Sugestões de jogos

Sílabas lacunadas. Neste jogo os alunos poderão completar as sílabas que faltam na palavra.

Nível silábico estrito sem uso de letras pertinentes (SIL-2)

Observar a figura e circular a letra inicial em meio a outras letras.

Comparação de palavras, destaque das letras iniciais e finais, contagem do número de letras.

Atividades que ofereçam a reflexão entre a letra e o som (grafema e fonema).

Circular a palavra de acordo com a figura – destaque da letra inicial e atenção à letra final.

Escrever o nome da imagem tendo como apoio o banco de palavras.

Textos de memória.

Sugestões de jogos

Caça rimas – identificar sons semelhantes por meio das imagens. Por exemplo: tubarão - balão; sacola - escola; sapato - gato, etc.

Dado sonoro – associar a figura à letra ou sílaba.

Nível silábico estrito com uso de letras pertinentes (SIL-3)

Todas as atividades do nível anterior com um grau maior de dificuldade.

Atividades para o desenvolvimento da percepção de que para cada pauta sonora podem ser utilizadas uma, duas ou mais letras.

Observação e reflexão sobre quais letras compõem as sílabas de determinadas palavras.

Atividades envolvendo cruzadinhas e caça-palavras, com apoio do banco de palavras.

Leitura de textos de memória – localização de palavras solicitadas pelo professor.

Separar em frases um texto de memória para o aluno reconstrua o texto.

Percepção das palavras nas frases, onde começa e termina uma palavra.

Sugestões de jogos

Todos os jogos do nível anterior evidenciando as letras que compõem as sílabas nas palavras.

Sílabas embaralhadas, escolher uma figura e formar a palavra a partir das sílabas.

Nível silábico-alfabético (SIL-ALF)

Completar lacunas em textos de memória.

Distinguir a correspondência sonora entre as sílabas.

Associação de palavras com as mesmas sílabas – podendo utilizar o conhecimento das palavras estáveis para a escrita de novas palavras.

Cruzadinha.

Caça-palavras.

Associar as palavras ao número de sílabas.

Escrita de listas.

Sugestões de jogos

Jogo das sílabas: compor com a imagem, seguido da palavra e por suas sílabas.

Completar a palavra com a sílaba que falta.

Nível alfabético (ALF)

Escrita de textos de memória.

Reconto de histórias – escrita de uma parte do texto: começo ou fim.

Produção coletiva e individual de textos.

Escrita de legenda de uma imagem.

Revisão coletiva da escrita do aluno, adequando-a a escrita convencional: questões ortográficas.

Sugestões de jogos

Completar lacunas em textos de memória, podendo ser de palavras ou frases inteiras.

Distinguir a correspondência sonora entre as sílabas e palavras – palavras que rimam/palavras que não rimam.

Associação de palavras com as mesmas sílabas – podendo utilizar o conhecimento das palavras estáveis para a escrita de novas palavras.

Cruzadinha.

Caça-palavras.

Associar as palavras ao número de sílabas.

Escrita de listas e pequenos textos, como por exemplo, o final de uma história.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. **Fases da escrita - (Silábico-alfabético)**. Disponível em: <<http://vivianefebf.blogspot.com.br/2012/07/fases-da-escrita-silabico-alfabetico.html>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- AUSUBEL, D.P. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognoscitivo**. México, Editorial Trillas. Traducción española de Roberto HelierD., de la primera edición de Educational psychology: a cognitive view, 1976.
- AUSUBEL, D.P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos; Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2000.
- AZENHA, M. G.. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1994.
- BARBOSA, M.R. **Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e a gênese da língua escrita**. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita>>. Acesso em 02 jan. 2018.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. tradução de Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1996, 144p.
- FERREIRO, E.. **Reflexões sobre alfabetização / Emilia Ferreiro**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011, 488p.
- FERREIRO, E.. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa / Emilia Ferreiro**; tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013, 488p.
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A.. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985, 284p.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais Infantil: O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes 1993.
- KISHIMOTO, T. M. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2002.
- LEINAT, A. P. **Hipótese pré-silábica**. Disponível em: <http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2013/12/hipoteses-pre-silabica.html>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- MORAES, A.G. de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MOREIRA, M. A., CABALLERO, C. P. e RODRÍGUEZ, M.L. **Aprendizagem Significativa**: um Conceito Subjacente. ActasdelEncuentro Internacional sobreelAprendizaje Significativo. Burgos, España, 1997, pp. 19-44. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf>>.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, v. 23, 2012.

SANTO, E. R. do E. **Níveis de escrita (1)pnaic**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/EdeilReisEspiritoSanto/nveis-de-escrita-1pnaic>>. Acesso em: 02 jan.. 2018.

SOARES, M.. **Letramento**: um tema em três gêneros – 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, 128p.